

## Mente e cérebro, ilusões e mistérios

Por Sonia Montañó

A noite do *Fronteiras do Pensamento*, de 13 de setembro, abordou as relações entre mente e cérebro. Com o título *A Ilusão da Alma*, o economista e cientista social brasileiro Eduardo Giannetti falou sobre as teorias fisicalistas do cérebro que consideram uma ilusão qualquer ato de comando nosso sobre o próprio cérebro. Giannetti disse que o convite para a conferência do *Fronteiras* chegou bem na hora em que estava finalizando seu livro.

O livro *A ilusão da alma* é um relato em primeira pessoa de uma conversão filosófica. Um professor de Letras padece de uma série de problemas como ausências e alucinações, e descobre que tem um tumor. É operado, mas três coisas mudam em sua vida: fica parcialmente surdo, obtém a aposentadoria por invalidez e é tomado por uma verdadeira obsessão pelo estudo do cérebro e da mente. Ele faz grandes descobertas, com um desfecho inesperado, à medida que avança, encontra-se com um credo aterrador, o fisicalismo. A nossa consciência, senso de identidade, sensação de liberdade, e tudo o que povoa nossa atividade mental seria produto dos bilhões de células do cérebro e nada mais. O livro fala da frágil consciência que temos de nós mesmos. “A ideia é mostrar que podemos estar radicalmente enganados. Podemos estar tão equivocados no modo como pensamos sobre nós mesmos quanto o homem pré-científico se encontrava equivocado no que pensava sobre o trovão e o relâmpago”, disse o autor.

Giannetti relatou que as relações entre mente e cérebro são abordadas há 2.500 anos e que todos temos um conhecimento intuitivo sobre essas relações. “Que tipo de ser é o bicho homem? Para onde caminha o entendimento estritamente científico da condição humana?”, perguntou-se o economista.

### Mundo físico e mundo mental

Todo ser humano tem um lado filósofo, traz consigo um conjunto de noções sobre o que significa ser dotado de consciência e vontade própria, além da relação que ele e a humanidade em geral guardam com o universo em que vivem. Quando a criança percebe que há coisas que dependem de sua vontade e outras não, está aprendendo a andar com suas próprias pernas em seu mundo mental.

Há um entendimento compartilhado sobre as relações mente-cérebro que parte da compreensão de dois tipos de acontecimentos distintos. De um lado, os acontecimentos que pertencem ao mundo físico externo e que percebemos pelos sentidos, e, de outro, os que acontecem na nossa mente e temos acesso pela atenção consciente, introspecção e vida interior.

Outro entendimento compartilhado sobre nós mesmos é que os mundos físico e mental não são totalmente separados, se autoinfluenciam. “Se eu tomar um analgésico, a dor de dente desaparece. É o físico sobre o mental. Se eu fumo um cigarro, fico mais animado, mas quando penso no mal da nicotina jogo o cigarro fora. É o mental sobre o físico”, exemplificou Giannetti.

### **A ilusão do torcedor**

O conferencista ilustrou sua ideia com a experiência do torcedor e da crença que ele tem de que sua realidade mental influencia a realidade física. Um modo mágico de pensar e sentir que irrompe na mente. O torcedor tem a ilusão de que pode “torcer” o curso natural das coisas, coagir o futuro por meio da força bruta do seu querer. É o desejo de que a força do querer interfira nos acontecimentos. Tudo o que sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos é fruto da nossa mente, que, como a mente do torcedor, acha-se capaz de decidir seus rumos.

### **O cérebro despista a mente**

Para o escritor nada surge do nada, há diferença entre o que surge no mundo e o que é apenas subjetivo, isto é, o que se deve aos efeitos do mundo sobre os nossos sentidos. Foi Demócrito o primeiro a formular que ambos os mundos eram radicalmente diferentes. As coisas que aprendemos estão sendo processadas, traduzidas e recodificadas por nós, gerando assim sensações que transfiguram a realidade objetiva e provocam eventos mentais que estão para o mundo externo assim como os nomes das coisas estão para as próprias coisas. Exemplo é a sensação de cócegas. Quando alguém passa uma pluma delicadamente no pé, onde estão as cócegas? na pluma? na sola? no contato? Na verdade elas têm uma existência restrita à vida mental. O que existe é uma leve fricção que produz uma pequena agitação de átomos no cérebro a que se convencionou dar o nome de cócegas.

O cérebro despista a mente. A sensação de prazer ou de dor em uma determinada região do corpo que está sendo acariciada ou agredida é gerada direto no córtex, não se dá realmente no local em questão e sim no ponto do cérebro que processa as mensagens nervosas. A ilusão ocorre porque o cérebro projeta de volta ao local da carícia a mensagem.

### Relações entre o pensar e o agir

Consideremos a relação entre pensar e agir como uma relação óbvia. “Eu quero - eu faço, mas o elo entre pensar e agir é menos óbvio, menos claro e menos inteligível”, disse o conferencista. Vontade consciente e ação muscular na vida prática parecem muito unidos numa relação de causa-efeito. No entanto, essas relações são mais complexas e menos inteligíveis. O coração bate, o sangue circula e tantos outros processos metabólicos estão vedados à nossa vontade, são automáticos, sob a responsabilidade do hipotálamo. Ele pesa não mais de quatro gramas e está associado ao processamento das emoções. O mais denso e conectado órgão em todo o cérebro, o que mais recebe e envia mensagens. Quando passamos do metabolismo interno do corpo para nossas ações no mundo externo, esse quadro parece se alterar radicalmente. Há uma cisão. Os músculos que governam mãos, braços e pernas guardam uma relação distinta com o cérebro. “Se eu decidir ativar minhas glândulas lacrimais agora, não serei capaz de fazê-lo, uma atriz experiente provavelmente sim, mas se eu decidir piscar, as pálpebras obedecerão”, explicou. Então, por que existiria a vontade consciente se o nosso organismo é capaz de se automonitorar? Como se dão as fronteiras entre os processos fechados à nossa ação e os abertos ao alvará do eu soberano? “O quebra-cabeças ainda não está completo”, enfatizou Giannetti.

### A visão fisicalista

A visão fisicalista defende que algo acontece no exato momento em que a minha decisão de levantar o dedo ou fazer qualquer ação é tomada, envolvendo alterações químicas e elétricas. Entre a intenção e a realização ocorre uma escalada da atividade neural nas regiões do cérebro responsáveis pelo comando motor dos músculos acionados. A escalada da atividade neural precede no tempo não apenas a ação muscular, mas também o evento mental, isto é, a própria consciência da

decisão de agir. O registro encefalográfico de quando tomo a decisão de agir revela que o processo neurológico do ato tem início cerca de três décimos de segundo antes de eu me tornar ciente de minha intenção de executar uma ação. “É como se o cérebro soubesse o que vou decidir e não só faz a gentileza de me avisar da decisão que se tomou em mim, mas também me acompanha da gratificante sensação de que é minha vontade, meu eu soberano que está no comando e decidiu fazer aquilo. O hiato temporal é mensurável e tem consequências físicas e filosóficas”, salientou o conferencista.

### Um exemplo da neuroeconomia

Gianetti trouxe a explicação fiscalista através de um exemplo da neuroeconomia, aplicação do método e da abordagem das neurociências à teoria econômica. Segundo ele, uma pesquisa mostra que diante de uma opção de compra duas áreas do cérebro medem forças e disputam o controle da ação. De um lado, uma área do cérebro com seus receptores de dopamina sempre a postos à mínima oportunidade de satisfação que se ofereça. Do outro lado está a região do cérebro associada a sensações de desconforto e desprazer como as que nos são causadas por mau cheiro, insultos ou desembolso de dinheiro. Pelos circuitos neurais movidos no embate é possível prever com segundos de antecedência se o potencial comprador vai ou não adquirir um determinado bem.

Eduardo Giannetti encerrou a conferência com um silogismo fiscalista:

As leis e regularidades que regem o mundo são independentes de minhas vontades.

A minha vontade é fruto das mesmas leis que regem o mundo.

A minha vontade é independente de minha vontade.